

# POMPEIA E O INÍCIO DA ARQUEOLOGIA CLÁSSICA NO BRASIL: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DE TERESA CRISTINA E NÍSIA FLORESTA<sup>1</sup>

## POMPEII AND THE RISE OF CLASSICAL ARCHAEOLOGY IN BRAZIL: APPOINTMENTS ON TERESA CRISTINA'S AND NÍSIA FLORESTA'S CONTRIBUTIONS

Renata Senna Garraffoni<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo possui como objetivo central apresentar uma leitura sobre como as escavações de Pompeia impactaram o cotidiano brasileiro no século XIX e, também, iniciaram o acesso à Arqueologia Clássica que, então, nascia. Para tanto, parto de alguns dos resultados de minhas pesquisas junto ao projeto RIPOMPHEI, *Recepción e influjo de Pompeya y Herculano en España e Iberoamérica*, coordenado por Mirella Romero Recio, da Universidade Carlos III, Madri, ainda não publicados no Brasil e apresento algumas análises inéditas sobre a participação de Teresa Cristina no processo e, tam-

- 
- 1 O presente artigo apresenta os principais resultados de uma pesquisa realizada entre 2019 e 2022 no âmbito do projeto RIPOMPHEI, *Recepción e influjo de Pompeya y Herculano en España e Iberoamérica*, coordenado por Mirella Romero Recio (PGC2018-093509-B-I00, Ministerio de Ciencia e Innovación/AEI/FEDER/UE), Universidade Carlos III, Madri. Dada a quantidade de material levantada, a coordenadora, junto com o professor Jesus Sallas, da Universidade Complutense de Madri, propôs uma continuação e ampliação dos objetivos incluindo, também, Grécia. Então, atualmente sou membro do projeto ANTIMO – Proyecto de I+D+i *La Antigüedad modernizada: Grecia y Roma al servicio de la idea de civilización, orden y progreso en España y Latinoamérica*, (PID2021- 123745NB-I00, MCIN/AEI/10.13039/501100011033 y FEDER) e sigo fazendo pesquisas junto com o grupo. Agradeço a confiança de Mirella Romero Recio, de Jesus Sallas, de Laura Buitrago, Ricardo del Molina e demais colegas de trabalho de pesquisa, além do apoio das estudantes da UFPR Barbara Fonseca e Heloisa Trippia, por ocasião do levantamento de dados que apresento no artigo, e Pérola Sanfelice, pelas parcerias anteriores. Por fim, agradeço a José Geraldo Costa Grillo e Pedro Paulo Funari pela oportunidade de publicar alguns dos resultados neste dossiê, com amplo acesso ao público brasileiro. A responsabilidade pelas ideias expressas recai apenas sobre a autora.
  - 2 Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. Email: resenna93@ufpr.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4745-8161>.

bém, das reflexões de Nísia Floresta sobre sua viagem a Pompeia. Ao eleger duas mulheres para alicerçar os argumentos centrais do artigo, busco analisar o interesse pelo início da Arqueologia Clássica a partir de um viés menos usual, destacando a participação feminina no processo. Trata-se, então, de um artigo que explora as relações políticas e culturais entre Brasil e Itália em um momento de surgimento da Arqueologia Clássica, explorando os silêncios da historiografia brasileira sobre o tema.

**Palavras-chave:** Pompeia; Arqueologia Clássica; Agência feminina.

**Abstract:** The aim of this paper is to discuss how Pompeii's excavations impacted Brazilian daily life in the 19th century and started the access to Classical Archeology, which was then emerging. To this end, I shall start presenting some of the results of my research at the RIPOMPHEI project, *Recepción e influjo de Pompeya y Herculano en España e Iberoamérica*, coordinated by Mirella Romero Recio, from the Carlos III University, Madrid, not yet published in Brazil and some new analyzes on Teresa Cristina's participation in the process and also Nísia Floresta's reflections on her trip to Pompeii. By choosing two women to support the central arguments of the paper, I seek to understand the begging of Classical Archeology in Brazil from a less usual perspective, highlighting female agency in the process. The paper discusses the political and cultural relations between Brazil and Italy at a time of the begging of Classical Archeology, exploring the silences in Brazilian historiography on the subject.

**Keywords:** Pompeii; Classical Archaeology; Female Agency.

## INTRODUÇÃO

Há algumas décadas tenho me dedicado ao estudo dos grafites parietais de Pompeia. Interessada pela diversidade social, étnico e cultural que os grafites poderiam prover e motivada por publicações inovadoras de Funari (1986, 1989, 1993) sobre o *ethos* artístico e semiótica própria dos grafites dos anos 1980 e início de 1990, fiz uma primeira abordagem sobre as inscrições parietais na minha tese de doutorado sobre os gladiadores e, de lá para cá, de uma forma ou de outra, grafites e Pompeia, sempre estiveram presentes em minhas reflexões<sup>3</sup>. Neste processo, além dos estudos epigráficos, passei a me dedicar ao conceito de espacialidade da escrita, ou seja, não analisar o grafite somente pelo seu conteúdo escrito, mas também considerar o lugar em que foi grafado e, a partir disso, as possíveis relações dos antigos com os deslocamentos urbanos.

Ao aprofundar meus estudos sobre a relação entre inscrições e o contexto na cidade, consultar relatos arqueológicos se tornou importante, da mesma forma que conhecer os processos de escavação e as maneiras de produção dos relatórios. Como a cidade é sistematicamente escavada desde o final do século XVIII e, de certa forma, foi importante para o desenvolvimento da própria Arqueologia Clássica como ciência, analisar como o material foi retirado e organizado em diferentes momentos históricos foi se tornando algo mais presente em minhas pesquisas. Além disso, como Pompeia tem uma história muito particular, afinal foi soterrada pelo vulcão Vesúvio no final do século I da nossa era e sua redescoberta causou um forte impacto tanto cultural como político e social na Modernidade, passei a notar que os entrelaçamentos entre presente moderno e passado romano poderiam ser uma outra forma de pensar a cidade. Como arqueóloga interessada no cotidiano romano, quando iniciei minhas pesquisas, a história da escavação do sítio me parecia algo menos importante, mas percebi, a partir dos estudos que fui desenvolvendo primeiro sobre usos do passado na Arqueologia e, depois, sobre recepção dos clássicos na Modernidade, que este processo era fulcral para entender não somente o desenvolvimento da Arqueologia Clássi-

---

3 A tese foi defendida em 2004 e, recentemente, publicada uma segunda edição ampliada e revista no qual me dedico a questões de gênero, que não estavam contempladas no original. Cf. Garraffoni, 2021.

ca como ciência, mas também o estabelecimento das formas hegemônicas de cultura e poder na Modernidade, bem como sua contestação.

Passei, aos poucos, então, a perceber que a quantidade de material encontrada e a preservação da vida cotidiana romana, apesar de toda a tragédia, fizeram com que muitos fossem visitar a cidade ao longo do século XIX. Pompeia, diferentemente de Herculano que, na ocasião só era acessível por túneis, por estar a céu aberto, passou a integrar o *Gran Tour* e suas ruínas em meio a natureza receberam, em um primeiro momento, aristocratas, mas aos poucos foi aberta para escritores, artistas e viajantes (Recio, 2010). Assim, a Arqueologia, que se iniciava e buscava profissionalizar as escavações, lidava com um fluxo de visitantes no sítio. Além disso, a fotografia, propiciou a produção de cartões postais que facilitou a circulação das imagens de forma antes nunca vista, pois antes do advento desta tecnologia, a circulação dependida dos desenhos e das publicações dos livros, que era, sem dúvidas, bem mais lenta. Pompeia, uma cidade osca e dominada por romanos, ao ser redescoberta foi atravessada, então, por tudo que era moderno: *Gran Tour*, fotografia, ciência, imaginação (pintura e literatura) e, ter isso em mente, amplia e muito as nossas formas de abordá-la.

São essas conexões que me interessam abordar neste artigo, pois são variadas e instigantes. Misturam política, ciência e artes, criando uma profusão de discursos que tiveram sua circulação aumentada pelas novas tecnologias nascentes. Portanto, é um tema amplo e complexo que precisa de recortes. Quando iniciei por essa perspectiva de análise, parti de algo que chamava muito a atenção: os usos políticos das escavações na primeira metade do século XX. Considerando as afirmações de Cavicchioli (2004), que analisou, em suas pesquisas, as atividades de Amedeo Maiuri, superintendente das escavações em Pompeia e Herculano dos anos 1920 até a década de 1960, passando pela ascensão, estabelecimento e final do fascismo italiano, entrei em contato com muitas formas de abordar o tema: pelas publicações, pelas fotografias, pelas notícias de jornais. Mas também pelas transformações urbanas, pois como aponta Ray Laurence (2005), Maiuri se articulou com Mussolini e a criação da estrada de ferro que ligava Roma ao sítio trouxe outra dimensão para as visitas, iniciando o turismo de massa que, até hoje, é relevante economicamente para a região, pois Pompeia recebe milhares de visitantes por ano.

Neste sentido, quando comecei a me debruçar sobre a relação entre política e escavação, passei a me perguntar sobre como a ideologia fascista e

Arqueologia romana se encontraram de forma a fomentar e sustentar autoritarismos. Fiz, então, em parceria com a Pérola Sanfelice discutindo como questões identitárias e autoritarismos ao longo do século XX moldaram as escavações de Pompeia e as escolhas dos passados que seriam narrados (Garraffoni & Sanfelice, 2013a; 2013b; 2014; 2017). Era, portanto, um estudo específico, a relação entre temporalidades e como aspectos do fascismo foram construídos a partir de releituras de valores romanos, aos moldes de estudos de usos do passado, como proposto no Brasil por Silva (2007) ou Rufino (2013).

Ao mesmo tempo que realizava essas análises focadas em Pompeia e o fascismo italiano, comecei a sensibilizar meu olhar para o Brasil: como seria a presença dos clássicos no final do século XIX e primeira metade do XX em nosso país? Romanos e/ou gregos antigos estiveram presentes na construção da identidade nacional do Brasil? Se sim, por quê? Quais os significados simbólicos de se retomar culturas antigas em um lugar que não estiveram historicamente? Todas essas questões me levaram para um campo que me sentia mais confortável, a história de São Paulo, suas esculturas equestres e os bandeirantes. Levantamentos realizados com Funari indicaram que seria possível uma reflexão sobre patrimônio, cidade, arte e circulação de saberes (Funari & Garraffoni, 2012), pretendia seguir esse caminho e aprofundar as pesquisas, até que por acaso, em 2012, me deparei com um mundo completamente desconhecido: a presença greco-romana em Curitiba (Garraffoni, 2018; 2020).

Foi a partir destes trabalhos sobre os impactos da Antiguidade greco-romana em Curitiba que fui convidada, em 2019, para fazer parte do projeto *Recepción e influjo de Pompeya y Herculano em España e Iberoamérica* (RIPOMPHEI, 2020-2022), coordenado por Mirella Romero Recio e financiado pela Espanha. Com uma equipe formada por pesquisadores espanhóis e latino-americanos, o projeto visou levantar os impactos das escavações arqueológicas de Pompeia na Espanha e América Latina. Os resultados foram bastante instigantes: os diálogos com colegas de diferentes nacionalidades me permitiram perceber como Pompeia foi relevante no imaginário das elites brasileiras do século XIX e como sabemos pouco sobre esse tema. Como o material foi todo publicado no exterior (Garraffoni, 2023a; 2023b; 2023c), o convite para participar deste dossiê me pareceu uma oportunidade interessante para compartilhar com o público brasileiro, em acesso livre, alguns dos resultados e, também, argumentar que olhares desde uma perspectiva

latino-americana e de gênero podem contribuir para novas formas de compreender tanto o passado romano como as relações de Pompeia com o Brasil.

## O PROJETO RIPOMPHEI: ALGUNS RESULTADOS BRASILEIROS

O projeto RIPOMPHEI - *Recepción e influjo de Pompeya y Herculano en España e Iberoamérica* – coordenado por Mirella Romero Recio, da Universidade Carlos III de Madri, foi financiado pelo Ministerio de Ciencia, Innovación y Universidades da Espanha<sup>4</sup>. Com uma equipe interdisciplinar e com pesquisadores da Espanha e de diferentes países latino-americanos, o principal objetivo do projeto foi a realização de um catálogo e mapa com geolocalização dos lugares em que aparecem edifícios com desenho ou decoração inspirados nos achados de Pompeia ou Herculano. As atividades se desenvolveram entre 2019 e 2022 e atuei representando o Brasil. Como o período do projeto coincidiu com o da pandemia de coronavírus, as viagens foram suspensas e todo o processo de pesquisa foi feito a partir de levantamento bibliográfico na internet e da documentação presente no site da Biblioteca Nacional. Portanto, todos os dados levantados, por exemplo, do Salão Pompeiano do Palácio do Catete, que se encontram no mapa do projeto, vieram deste meio, sem visita ou pesquisa *in loco*.

Embora este tenha sido o desafio de todos e todas no projeto, cada membro, diante de suas condições de trabalho, adotou estratégias distintas, o que tronou os resultados bastante interessantes apesar de todas as dificuldades que nos foi imposta no momento da crise sanitária. Do ponto de vista bibliográfico, por exemplo, com o apoio de Barbara Fonseca, realizei um levantamento do que temos publicado, no Brasil, sobre Pompeia, a partir da década de 1980. Encontramos cinquenta artigos e quarenta capítulos de livros acadêmicos, publicados no Brasil e exterior, por pesquisadores de diferentes níveis, em especial na região sul e sudeste. Isso sem contar teses, mestrados e publicações variadas em anais de eventos, o que indica que, desde o fim da ditadura civil-militar, pesquisa sobre Pompeia e sua cultura material no Brasil é feito de forma recorrente em diferentes universidades brasileiras.

Se esse panorama foi importante para ter uma ideia dos temas tratados nestas últimas décadas, predominantemente cultura popular, história

4 [https://humanidadesdigitales.uc3m.es/s/ripomphei/page/inicio\\_rimpophei](https://humanidadesdigitales.uc3m.es/s/ripomphei/page/inicio_rimpophei)

da arte, história das mulheres, gênero e sexualidade, o que seria esperado por coincidir com as novas perspectivas de análise abertas pela escola dos *Annales*, pelos marxismos, estudos de gênero e pensamento pós-colonial, por outro lado, a pesquisa de documentos na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional foi de fato bastante surpreendente indicando que a presença de Pompeia no Brasil, em diferentes instâncias, tem uma longa trajetória desde o século XIX. Assim, paralelamente a este levantamento da produção acadêmica das últimas décadas, organizei, com o apoio da estudante de graduação em História da UFPR, Heloisa M. Trippia<sup>5</sup>, um levantamento dos impactos das escavações de Pompeia no cotidiano brasileiro no século XIX, para explicar sua presença na materialidade da cidade, como o caso do Palácio do Catete. A quantidade de informações que encontramos foi vasta, bem como a diversidade de documentação. Assim, criamos uma metodologia de pesquisa, dentro do recorte do projeto RIPOMPHEI, buscando na base de dados os termos “Pompeia” e “Vesúvio” no período de 1840, pouco antes do casamento de Teresa Cristina com D. Pedro II, até 1930, fim da Primeira República. Esse recorte, além de estar dentro da temporalidade do projeto, permitiu uma comparação entre o período imperial e início da República no Brasil e, para nossa segunda surpresa, não diminui de relevância com o fim da Monarquia, ao contrário, foi ressignificado no início do período Republicano. Destaco este ponto, pois parecia meio óbvio o aumento do interesse por Pompeia com o casamento do imperador, afinal, Teresa Cristina era a princesa das Duas Sicílias, nascida na região vesuviana e teve sua imagem popularizada no país a partir da pintura atribuída a José Correia de Lima, discípulo de Debret, no qual se vê uma bela jovem a frente com o Vesúvio lançando fumaça ao fundo, contrastando sua beleza e juventude com a natureza temível do velho vulcão. Mas as relações, como veremos, são bem mais complexas e a morte do republicano e abolicionista Silva Jardim, em um acidente no Vesúvio em 1891, tem um papel importante na ressignificação discursiva da presença de Pompeia no Brasil. Se Pompeia resiste no imaginário brasileiro, mesmo com as mudanças políticas, não é difícil entender a longevidade do Palácio do Catete e as particu-

---

5 O levantamento gerou a pesquisa de iniciação científica voluntária que atualmente a estudante desenvolve sob minha orientação intitulada *Os Últimos Dias de Pompeia: A recepção de Pompeia no Brasil através da produção cinematográfica de Arturo Ambrosio (1913)*. Nesta pesquisa a estudante aborda a recepção de Pompeia no cinema silencioso, por meio do estudo do filme *Gli ultimi giorni di Pompei* (1913) e, também, a circulação da película no Brasil no período.

laridades da recepção de Pompeia que ele sintetiza: financiado por um rico barão da época imperial, projetado por um prussiano, inspirado pelos edifícios renascentistas e as pinturas de Pompeia, o casarão guarda oficialmente a memória da República com um nome de origem tupi-guarani, Catete.

Ou seja, com o levantamento documental sobre a presença de Pompeia no Brasil, em um momento que não havia universidades, ficou claro que entrecruzamentos entre a Arqueologia que nascia, política e arte, criou espaço para a construção e circulação de uma visualidade pompeiana que se espalhou pelo país a partir do Rio de Janeiro. Com essas buscas por palavras-chave, os meandros destas políticas e os gostos que se formavam apareceram de forma volumosa no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, o que indica uma variedade de fontes de abordagens possíveis do fenômeno.

Para uma noção mais concreta, vale à pena, neste momento, retomar alguns dados que publiquei em outra ocasião (Garraffoni, 2023a, p. 158), pois indicam a dimensão da diversidade dos dados levantados. Na busca que fizemos com as palavras-chave comentadas encontramos notícias de jornais sobre Pompeia publicadas em todo o Brasil no período, além de livros que são parte do acervo da Biblioteca Nacional e coleções de fotografias tanto de viajantes como da própria imperatriz Teresa Cristina. Para que se tenha uma ideia da circulação de livros ilustrados no Rio de Janeiro, por exemplo, há no acervo da Biblioteca Nacional obras variadas como *Estampas de Roma e Pompeia* (1793)<sup>6</sup>, *Suite des vues pittoresques des ruines de Pompeii et un précis historique de la ville* (1819)<sup>7</sup>, *Le case e di monumenti di Pompei* (1854)<sup>8</sup>, *Les fresques de Pompei* (1936)<sup>9</sup>, entre vários outros títulos desde o século XVIII até meados do século XX. Todas as obras, além de análise e descrições são repletas de imagens e desenhos de ruínas romanas variadas, mas com especial atenção às cidades vesuvianas.

Além de livros e relatos de viagens ilustrados, há um importante acervo fotográfico disponível sobre Pompeia, na coleção Thereza Christina Maria. Este acervo fotográfico específico, que leva o nome da imperatriz, tem mais de 23 mil fotografias pertencentes às coleções do casal imperial e doadas a Biblioteca Nacional, dentre essas, muitas são de suas viagens a Nápoles

6 [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon146307/icon146307.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon146307/icon146307.pdf)

7 [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon1513875/icon1513875.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon1513875/icon1513875.pdf)

8 [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon604257/icon604257.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon604257/icon604257.pdf)

9 [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_iconografia/icon25752/icon25752.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon25752/icon25752.pdf)



e Pompeia<sup>10</sup>, além de mais de cem fotos de Michele Amodio e suas visitas a Pompeia entre 1867-1873. Já no que tange as notícias de jornais, a quantidade de informações é bastante volumosa, aumentando significativamente no início do século XX, em especial no que se refere às descobertas arqueológicas após as sistematizações e políticas de difusão de notícias no período em que Maiuri foi superintendente do sítio.

Como as notícias são variadas e portadoras de uma ampla quantidade de informações que é possível explorar, se tornaram objeto de buscas mais detalhadas e foram base dos artigos que publiquei. O levantamento foi organizado por temas e, até o momento, já foram mapeadas em torno de 500 notícias em jornais de diferentes localizações no Brasil que de alguma maneira mencionam Pompeia ou o Vesúvio. Por amostragem, foi possível ensaiar os primeiros recortes para uma tipologia: 1. do ponto de vista artístico, há charges, notícias de peças teatrais sobre Pompeia e cinema, em especial no início do século XX; 2. descrição de descobertas arqueológicas que variam de acordo com o momento histórico, sendo as mais antigas do valor das peças – quando de prata, ouro ou bronze – ou de sua beleza artística, e as mais recentes, mais para o final do século XIX e depois do desenvolvimento das técnicas de escavação de Fiorelli, com ênfase na ciência e sofrimento humano no ato da explosão do vulcão; 3. chegada de peça originais no Brasil para a coleção do Museu Nacional; 4. metáforas políticas diversas, isto é o Vesúvio como metáfora conservadora para se referir a revoltas de escravizados ou das mortes causadas pela crise sanitária da febre amarela; 5. Resenhas de livros publicados na Europa – ficção ou ciência; 6. relatos de viajantes, sendo que muitos são das salas do Museu Burbônico, atual Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, em especial do chamado “gabinete secreto”, que continha materiais de Pompeia considerados, na época, pornográficos; 7. Comércio: compra e venda de cerâmica do estilo pompeiano, artes em geral que remontam às cidades vesuvianas e, o que chamou a atenção, venda de muitos exemplares de *O último dia de Pompeia*, romance publicado em 1834 pelo Lord Bulwer – Lytton, que é base para todos os filmes homônimos do século XX.

---

10 <https://www.bn.gov.br/explore/colecoes/thereza-christina-maria>  
 Parte do acervo específico sobre Egito e Pompeia pode ser visitado em uma exposição virtual no site da própria Biblioteca: <http://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/uma-viagem-ao-mundo-antigo-egito-e-pompeia-nas-fotografias-da-colecao-d-thereza-christina-maria/> (acesso em 23/02/2024).

Esses dados, resumidos aqui, indicam que a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional guarda um importante *corpus* documental para o estudo da visualidade e do imaginário sobre Pompeia no Brasil. Lustosa (2022) já chamou atenção para a importância da Hemeroteca Digital Brasileira que permite, hoje, o acesso facilitado a boa parte dos periódicos desde o início da imprensa no Brasil em 1808, por meio de seu banco de dados. Tanto a miríade de jornais que circularam no século XIX como os esforços da Biblioteca Nacional em arquivar e disponibilizar o acesso indica, para Lustosa, o papel ativo da imprensa na formação, transformação e, por que não, conservação de parte do pensamento da sociedade brasileira. Por essa razão, entendo que essas notícias de jornais permitem entender aspectos dos gostos, valores e reflexões das elites masculinas letradas, como entrelaçam passado pompeiano e presente brasileiro na construção de seus lugares na modernidade ocidental. Aqui ressalto masculinas, pois apesar da presença das mulheres neste processo, suas vozes pouco aparecem neste meio, tema que passo a abordar a seguir.

## **SILÊNCIOS HISTORIOGRÁFICOS E AGÊNCIA FEMININA**

A leitura das notícias de jornais que circularam no Rio de Janeiro e demais estados no século XIX nos permite construir uma espécie de cartografia das produções de sentido sobre o passado romano entre os homens letrados do período. Nos jornais cariocas, por exemplo, que pude ler com mais cuidado, nota-se que as notícias sobre Pompeia se cruzam com assuntos cotidianos da política brasileira, por exemplo, indicando uma inserção destes homens em ambientes internacionalizados e, também, um deslocamento em suas percepções de mundo. Se mais para meados do século XIX as notícias, em especial relatos de viagem, tinham mais teor estético e moral, o desdobramento dos estudos arqueológicos ou sobre química e física decorrentes da erupção, ampliam os debates e, também, redefiniram suas noções de conhecimento e ciência. Fica claro que, mais do que ter bom gosto e postura moral, aos poucos, conhecer as implicações científicas da erupção do Vesúvio reordena as suas construções discursivas e, por consequência, suas visões de mundo. Isso explicaria, então, os gostos estéticos e as políticas culturais com a Itália mais presentes na primeira metade do século XIX e a explosão de metáforas que conectam Vesúvio, abolição e revolução nos artigos publicados

mais para o final do século, em especial com a morte de Silva Jardim. Ou seja, as transformações políticas no Brasil coincidem com o contexto da profissionalização das escavações e dos estudos científicos que se desenvolvem no sítio. Assim, há uma mescla de discursos científicos sobre o evento (Almeida, 2017) e os embates entre ideias republicanas, monarquistas, abolicionistas e anticlericais (Carvalho 2014). Nestes debates, nota-se, portanto, que o conhecimento científico sobre o mundo antigo se desenvolve e se mescla a reflexões sobre cidadania, sobre política, sobre democracia, sobre direito, sobre escravidão, sobre império, sobre república e tantas outras variáveis possíveis. Embora a cultura material pompeiana não seja a única presente nas disputas discursivas, no Brasil, Pompeia acaba desempenhando um papel relevante na medida em que Teresa Cristina é napolitana e, por ocasião do destino, Silva Jardim vem a falecer em território italiano. Entre o Romantismo revolucionário que narra a morte de Silva Jardim (Hardman, 1998) e a política cultural dos Bourbons, Pompeia e o Vesúvio proliferam nos jornais, criaram gostos e definiram percepções políticas.

A polifonia das notícias, portanto, permite com que entendamos que o público brasileiro letrado tinha acesso quase imediato tanto às narrativas das erupções do Vesúvio naquele período, o que aumentou o interesse pela vulcanologia emergente em uma nação sem vulcões (Almeida, 2017), como também ao que foi escavado, ao passado romano *per se*. É, portanto, fonte inestimável de acesso para entender como o passado romano, por meio de uma arqueologia emergente, circula no país que ainda se organizava em termos de instituições de pesquisa. Ao mesmo tempo que é volumosa, complexa e variada, pelo recorte de gênero, como apontado, são vozes masculinas. Há dois silêncios que me chamaram muito a atenção ao ler os jornais: a falta de dados sobre a atuação de Teresa Cristina e as viagens de Nísia Floresta.

O caso de Teresa Cristina é bastante peculiar. A historiografia brasileira, em especial desde a obra de Schwarcz (1998), entende que D. Pedro II era um homem inclinado à tecnologia e a ciência, há trabalhos inclusive que o coloca entre os egíptólogos de seu tempo e destacam seus esforços em trazer múmias para o Museu Nacional (por exemplo, Bakos, 2004; Funari & Funari, 2010; Costa, 2012), mas quase nada sabemos das ações da imperatriz que foram fundamentais para estabelecer o início da Arqueologia Clássica no Brasil. Nascida em Nápoles em 1822, a princesa das Duas Sicílias se casa com o imperador D. Pedro II por procuração, chegando ao Brasil em 1843 onde

vive até 1889, vindo a falecer em Portugal pouco tempo depois. Com presença muito discreta na historiografia brasileira sobre o Segundo Reinado, pouco se estudou sobre a política cultural conduzida por ela com a Itália que facilitou o intercâmbio de lotes de peças etruscas, gregas e romanas por trabalhos indígenas nacionais, ações que são importantes para estabelecer as bases das coleções greco-romanas do Museu Nacional do Rio de Janeiro e o início da Arqueologia Clássica no Brasil<sup>11</sup>.

Talvez o trabalho que mais destaque essas ações seja o de Avella (2014), pois em sua biografia sobre a imperatriz dedica um capítulo às suas práticas arqueológicas, com várias cartas traduzidas que serviram de base para alguns estudos que se seguiram. As cartas são variadas, há pessoais da imperatriz com o irmão, Ferdinando I, como entre os responsáveis pelas coleções. Por meio desta documentação, como destaquei em outra ocasião (Garraffoni, 2023b), nota-se que, além do presente diplomático por ocasião do casamento, que incluía antiguidades pompeianas, a partir de 1856 começa a atuar, pessoalmente, nos intercâmbios. Sua atuação, segundo Avella, se dá de duas formas: os intercâmbios entre Museus do Rio de Janeiro e de Nápoles e as escavações financiadas por ela em suas terras em Veio, região próxima à Roma. As peças provindas das três campanhas de escavações realizadas entre o final da década de 1850 e 1880 tiveram destinos distintos, muitas permaneceram na Itália, mas algumas peças emblemáticas, como o busto de Antínoo, encontrado em 1878, se encontra, até hoje, sob guarda da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro.

Essas ações, do ponto de vista artístico, com apoio a jovens com bolsas de estudos para irem à Itália, levou a difusão do estilo neopompeiano nas artes plásticas brasileiras e, também, o desenvolvimento da Arqueologia Clássica. Mesmo que no primeiro caso a participação da imperatriz seja mais indireta, provendo material arqueológico que foi utilizado para estudo na Escola de Belas Artes, Camila Dazzi (2006, 2009, 2014, 2017, 2018) aponta que o estilo neopompeiano, pouco pesquisado no país, foi importante para a forma como o neoclássico se estruturou no Brasil. Artistas como os irmãos Henrique e Rodolpho Bernadelli ou Zeferino da Costa, todos bolsistas das Belas Artes, fizeram pontes importantes entre Itália e Brasil ao se dedica-

---

11 O levantamento feito por María Martín de Vidales García aponta, por um viés crítico de gênero, a pouca atenção que a historiografia brasileira dedicou à imperatriz. Cf. Mantín de Vidales García, 2023c.

rem a *pittura antica di genere* para atender os gostos de uma elite intelectual burguesa em formação. Atualmente, algumas destas obras se encontram no Museu Nacional de Belas Artes, como *Pompeana* de Zeferino da Costa que inaugura o estilo neopompeiano no Brasil em 1876 ou *Messalina* de Henrique Bernadelli, outras em coleções privadas como as obras de Weigärtner.

Se por um lado os estudos de Dazzi permitem perceber a relação entre cultura material pompeiana e a arte no Brasil, Santos (2015, 2018) e Azevedo (2019) nos apresenta os impactos científicos das ações de Teresa Cristina, considerando sua atuação junto ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Com mais de 700 peças de origem grega, etruscas e romana, a Coleção Teresa Cristina era, até o terrível incêndio de 2018, a maior coleção de Antiguidade Clássica na América Latina. Santos (2018) aponta que as primeiras peças chegaram em 1843, ocasião do casamento e estabelecimento no Brasil, sendo que 260 chegaram em 1856, negociadas diretamente com Ferdinando I. Nos levantamentos realizados por Azevedo (2019), 2/3 da Coleção são, de fato, resultados de ações direta da imperatriz, seja pelas negociações dos objetos de Pompeia ou pelas escavações por ela financiada no Veio.

Dada a destruição causada pelo incêndio, trabalhos como de Santos (2015; 2018), Cavicchioli (2004) e Azevedo (2019) são fundamentais para entendermos o tipo de artefato que chegou ao Brasil no século XIX, junto com a documentação já comentada, levantada por Avella (2014). A coleção era bastante diversificada, formada por peças etruscas, gregas, da Magna Grécia e romanas. Do contexto etrusco havia vasos *buccherò nero*, Grécia e Magna Grécia uma coleção de vasos da Ática, Campânia, Apúlia e Lucânia e, do contexto romano, peças de Pompeia e Herculano, principalmente, como os amuletos fálicos estudados por Cavicchioli (2004) ou os afrescos do Templo de Isis. A coleção da região do Vesúvio era bastante variada e Azevedo (2019) afirma que sua seleção não aponta, necessariamente, para escolhas estéticas, mas sim de continuidade à política cultural de Carlos III. Neste sentido a estudiosa entende que mais do que valor artístico, tais artefatos chegaram ao Brasil com o objetivo de criar pontes entre o novo e o velho mundo e Teresa Cristina propiciaria trânsito intelectual e científico nas esferas de poder.

Além das questões políticas e intercâmbios culturais, vale ressaltar, nesta ocasião, outro aspecto pouco explorado quando se fala sobre as relações entre Pompeia e o Brasil do século XIX: a viagem de Nísia Floresta e os seus relatos nos diários que escreveu. Potiguar, Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-

1885) foi uma das primeiras brasileiras a publicar textos na grande imprensa, comentando questões que envolvem direito das mulheres, dos indígenas e dos escravizados (Lima, 2018). Entre tantas obras importantes que escreveu, destacamos aqui seus diários de viagem, escrita que predomina no campo masculino, pois viagens ao exterior no século XIX era quase exclusividade de homens, mas que Nísia maneja com muita habilidade, afinal, Nísia não só viajou como seus diários de viagens foram publicados em francês, em Paris, ainda no século XIX e foram traduzidos ao português somente mais de um século depois.

*Itinéraire d'un Voyage en Allemagne e Trois ans en Italie, suivis d'un voyage em Grèce*, portanto, é composto por dois volumes, publicados em Paris. O primeiro, de 1857, de acordo com Duarte (2018, p. 13), foi traduzido para o português somente em 1982 por Francisco das Chagas Pereira e o segundo, dividido em duas partes publicadas em 1864 e 1872, permaneceu inédito em português até 1998, quando a primeira parte traduzida também por Francisco das Chagas Pereira. Até o momento da pesquisa, encontrei um único trabalho acadêmico sobre os dois volumes da obra, a tese de Sônia Lúcio (1999) que, como ela mesma afirma, é a primeira versão completa dos livros em português com comentários. Neste trabalho de tradução bastante primoroso e comentários profícuos, Sônia Lúcio insere esses livros de Nísia no contexto dos relatos de viagem do século XIX, principalmente dos viajantes românticos, buscando entender os paralelos que a autoria compunha: mulher, nordestina, viajante, escritora, Nísia lança mão de seus conhecimentos literários e apresenta análises cruzadas sobre as cidades greco-romanas que visitou com críticas sociais aos países que se encontram naquele momento. Ou seja, Sônia Lúcio (1999) destaca, em suas análises, não só a erudição literária de Nísia, que comenta Shakespeare ao visitar Verona, por exemplo, como também suas críticas e perspectiva histórica que estabelece ao visitar as ruínas. Para que se tenha uma ideia de como descreve parte de Pompeia, entre a erudição literária e conhecimentos históricos, destaco a seguinte passagem na tradução de Sônia Lúcio):

Pompéia foi soterrada, como se sabe, no ano 79 da era Cristã, e só em 1748 foi descoberta por camponeses, que ao cultivarem suas vinhas nesse solo fértil encontraram alguns objetos de arte. O rei Charles III mandou fazer escavações regulares em 1750, e desde então os trabalhos continuam, muito lentamente, para descobrir toda a cidade, cuja parte que já veio à luz pode ser considerada como a maior curiosidade, não só da Itália, mas do mundo. É uma coisa admirável e surpreendente a cidade saída das entranhas da terra, com todas as suas riquezas e suas curiosidades, tais quais estavam

quando o Vesúvio vomitou sua cólera sobre ela. Encontra-se em Pompéia toda a real antigüidade e por assim dizer, toda viva. Chateaubriand disse com razão: “se todos os objetos descobertos em Pompéia tivessem sido deixados em seus lugares, com os cuidados necessários e fáceis de serem tomados para sua conservação, ela seria o mais maravilhoso museu da terra. (...)

Seguimos o guia que nos mostrava as principais curiosidades, porém não prestei atenção ao que ele dizia. Meu espírito estava imerso no passado, não como ficou diante das ruínas de Roma, devastadas pela fúria dos homens e do tempo. Aqui eu caminhava por entre as sombras de uma população que mostrava-me suas obras primas, fazia-me assistir suas festas, suas brilhantes reuniões, abria suas casas para mostrar-me suas preciosidades, deixando-me penetrar no *peristylum*, pórtico interior, no *sacrarium* (capela doméstica), no *lararium*, nicho onde queimavam uma lâmpada em honra ao deus Lares, e de repente ela foi enterrada viva pela mais terrível das catástrofes que a natureza pode produzir. Parece que eu via o terror, o mais monstruoso pavor pintado no rosto das milhares de criaturas, ouvia seus derradeiros gemidos de desespero, uns procurando escapar das cinzas que os sufocavam, os outros nela desaparecendo, abraçando os entes queridos junto ao peito, ou chamando seus nomes na última agonia!.... Não são as ruínas de urna florescente cidade, vencida e devastada por um inimigo poderoso a quem combatera por muito tempo, usando todos os recursos de arte, toda energia do espírito, toda a força do corpo, até o instante em que a resistência tomando-se inútil, entregou-se ou preferiu a glória de morrer lutando. É uma magnífica cidade, vasto túmulo de uma população inteira que pereceu de repente, sem glória e sem luta, e que levantou-se toda inteira com seus imensos tesouros e seus esqueletos, do seio da terra onde ficara escondida, por quase dezoito séculos, dos olhares das gerações que lhe sucederam e floresceram ao seu lado! (pp. 176-178)

Nestas passagens sobre Pompeia, Nísia entrelaça vários dos elementos que destaquei ao longo do texto. Pouco antes comentava sobre seus passeios realizados junto a um cônego, então, pela sua narrativa percebemos a presença cristã, reflexões sobre o tema religioso quando na Itália, mas no que tange a Pompeia, nota-se o predomínio da perspectiva arqueológica. Seu relato indica que conhece o histórico das escavações até então e, em vários momentos, cita quem por lá esteve, como é o caso, na passagem de Chateaubriand. Além disso, alguns aspectos são interessantes de mencionar: aparece a relação morte/vida em vários momentos do texto, tema esse caro aos românticos. Pompeia maravilha pelo impacto da natureza sobre a vida humana, o vulcão, que soterra, mata, mas preserva a vida cotidiana do passado que podemos hoje conhecer. Essa relação tensa entre vida e morte, passado e presente, tesouros e esqueletos nutrem boa parte das descrições e dos imaginários que se criam sobre a cidade. Pompeia, diferente de Roma,

desgastada pelo tempo e pela ação humana, segundo Nísia, se abre para a vida cotidiana, para as festas, para a arte, para os deuses de outro tempo. A cidade vesuviana, por sua situação ímpar, suas ruínas que são também túmulos, abrigam vidas de outrora e sua materialidade a transforma em um museu singular em que a vida surge pelas esquinas, dispensando guias. É uma imersão de diálogo entre presente e passado, uma experiência sensível.

A forma como organiza o relato indica, como bem ressalta Duarte (2018, p. 14), que não é uma turista alienada que está ali, mas uma mulher com consciência política que maneja conhecimentos eruditos. Nísia não só fez o trajeto do *Gran Tour* como fez questão de deixar pública sua análise sobre o contexto histórico, político e social dos lugares que esteve. Por meio do tema das ruínas, teceu seu lugar na literatura de viagens. Sair da América do Sul para viagem cultural na Europa não era um feito simples no século XIX, era necessário ter muitos recursos, por isso essas viagens se restringiam a membros das elites e, praticamente, todos eles homens. Conhecemos pouco sobre as mulheres que fizeram esses trajetos, razão pela qual, Laura Buitrago (2023), também membro do projeto RIPOMPHEI, está fazendo sua tese de doutorado sobre mulheres latino-americanas que viajaram a Pompeia. Portanto, Nísia não estava só, mas dentro de um movimento em que mulheres de elite, inseridas nos debates liberais, passaram a orbitar neste ambiente majoritariamente masculino.

Até encontrar o diário de Nísia ou conhecer as viajantes latino-americanas estudadas por Laura Buitrago, coincida com o comentário de Sônia Lúcio (1999, p. 5) que aponta que sempre que pensamos em literatura e *Gran Tour*, com exceção de madame de Staël, são os homens, do norte global, que aparecem e nutrem nossas referências: Goethe, Chateaubriand, George Sand, Musset, Gautier, Nerval, Keats, Gogol, Hawthorne, para citar alguns exemplos indicados pela própria Sônia Lúcio. Mas estas referências que compartilhamos no projeto RIPOMPHEI muda esta perspectiva, afinal, a partir da unificação italiana e as mudanças na autorização para entrada no sítio, o perfil dos visitantes se altera bastante e as mulheres passam a atuar na construção de imaginários sobre Pompeia. Talvez por isso o relato de Nísia seja peculiar, afinal, trata-se de uma mulher, sul-americana com voz pública, defendendo seus posicionamentos políticos e religiosos entre as ruínas greco-romanas. Neste sentido, entendo que seus diários de viagens contém muitas informações que podem ser exploradas a partir de muitas facetas, precisam, com urgência, serem abertos, lidos e discutidos por mais pessoas interessadas em



entender os meandros das conexões que o Brasil estabeleceu com a cultura greco-romana e com a nascente arqueologia clássica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste breve balanço do que pude levantar a partir de minha participação no projeto RIPOMPHEI, é possível argumentar que o Brasil possui uma relação intensa e diversificada com as escavações do sítio arqueológico de Pompeia. Impulsionada com a chegada da imperatriz Teresa Cristina ao Brasil, as relações com Pompeia foram se mesclando e transformando diferentes discursos nacionais: nas artes plásticas, na literatura, nas viagens, na política, na ciência. Quando iniciei a pesquisa em 2019 pouco conhecia deste contexto e mesmo com as dificuldades impostas pela pandemia de coronavírus, o universo de abordagens que seu abriu, a partir do site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, foi minha maior surpresa. Por essa razão, um dos objetivos centrais deste artigo foi de destacar a potencialidade desta ferramenta não só para o estudo da História da Arqueologia Clássica do Brasil, como também para o seu ensino. O banco de imagens da Hemeroteca é, de fato, primoroso para novos *insights* e pesquisas e, também, para uso em sala de aula. As fotografias nos dão uma dimensão importante dos processos de escavação do sítio no século XIX, conectando os nossos e as nossas estudantes com este momento e, claro, proporcionando o exercício crítico, desde uma perspectiva do sul global, do que tais relações de poder implicaram. Suas notícias de jornais, por sua vez, facilitam o acesso ao imaginário, ao comércio, às curiosidades. Permitem, sobretudo, pensar, também, nos silêncios, sejam de classe, de raça ou gênero.

Ao trazer para essa reflexão e juntar aos silêncios sobre as mulheres busquei ressaltar a riqueza do material disponível e, também, algumas participações neste universo masculino da profissionalização da arqueologia. Talvez tenha sido este o maior impacto do projeto nas minhas pesquisas: quando se trabalha com uma equipe multidisciplinar e com pessoas de várias nacionalidades é possível redimensionar o objeto de estudo e encontrar outros pontos de conexão antes não percebidos. Entre tanta documentação disponível, não há dúvidas que saber que ao menos algumas mulheres viajaram, participaram dos debates públicos sobre escavações arqueológicas em seu tempo e foram ativas no processo, abre novas formas de se entender o início da Arqueologia Clássica no Brasil.

## REFERÊNCIAS

Almeida, A. (2017). Pavoroso espetáculo: o culto ao Vesúvio no Rio de Janeiro oitocentista, *Topoi*, 18(36), 490-513. <https://doi.org/10.1590/2237-101X01803603>

Avella, A. A. (2014). *Teresa Cristina de Bourbon: uma imperatriz napolitana nos trópicos 1843-1889*. Eduerj.

Azevedo, E. (2019). A coleção Teresa Cristina: idealização e falência de um projeto cultural para o Brasil, *Concinnitas*, 3(34), 116-125. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/39890>

Bakos, M. (Org.). (2004). *Egiptomania: O Egito no Brasil*. Paris Editorial.

Buitrago, L. (2023). El mundo que yo vi: viajeras americanas em Pompeya y Herculano (1853-1908). In M. R. Recio, J. S. Álvarez, & Buitrago, L. (Orgs.), *Pompeya y Herculano entre dos mundos. La recepción de un mito en España y América* (pp. 53-68). L' Erma di Brestschneider..

Carvalho, J. M. (2014). *A formação das Almas: O imaginário da República no Brasil*. Companhia das Letras.

Cavicchioli, M. R. (2004). *As Representações da Sexualidade na Iconografia Pompeiana* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas].

Costa, K. L. (2012). *Anacronismo em Charges: as análises da Egiptomania* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUCRS. <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2436>

Dazzi, C. (2006). *As Relações Brasil-Itália na Arte do Segundo Oitocentos: estudo sobre a obra de Henrique Bernardelli (1880 a 1900)* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Campinas]. Repositório Unicamp. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/366248?guid=1709251205967&returnUrl=%2Fresultado%2Flistar%3Fguid%3D1709251205967%26quantidadePaginas%3D1%26codigoRegistro%3D366248%23366248&i=11>

Dazzi, C. (2009). Pedro Weingärtner e a Pintura Neopompeiana. *19&20*, IV(2). [http://www.dezenovevinte.net/obras/pw\\_pneopompeiana.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/pw_pneopompeiana.htm)

Dazzi, C. (2014). Os estudos sobre a Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro: contexto historiográfico, omissões históricas e novas perspectivas. *Visualidades*, 11(1), 109-151. <https://doi.org/10.5216/vis.v11i1.28188>

Dazzi, C. (2017). Pôr em prática a reforma da antiga Academia: Dificuldades enfrentadas pela Escola Nacional de Belas Artes (1891-1895). *Visualidades*, 15(1), 171-198. <https://doi.org/10.5216/vis.v15i1.35265>

Dazzi, C. (2018). O Ensino na Escola Nacional de Belas Artes: o Prêmio de Viagem à Europa e os alunos da antiga Academia. *Revista Gearte*, 5(1), 130-144. <https://doi.org/10.22456/2357-9854.78893>

Duarte, C. L. (2018). A viajante ilustrada. In: N. Floresta (Org.), *Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia* (pp. 11-17). Editora da IFRN (Trabalho original publicado em 1864).

Funari, P. P. A. (1993). Graphic caricature and the ethos of ordinary people at Pompeii. *Journal of European Archaeology Archive* 1(2), 133-150.

Funari, P. P. A. (1986). Cultura(s) dominante(s) e cultura(s) subalterna(s) em Pompéia: da vertical da cidade ao horizonte do possível. *Revista Brasileira de História*, 7(13), 33-48.

Funari, P. P. A. (1989). *Cultura Popular na Antiguidade Clássica*. Contexto.

Funari, P. P. A., & Funari, R. S. (2010). Ancient Egypt in Brazil: a theoretical approach to contemporary uses of the past. *Archaeologies*, 6(1), 48-61.

Funari, P. P. A., & Garraffoni, R. S. (2012). The uses of Roman heritage in Brazil. *Heritage & Society*, 5(1), 53-76.

Garraffoni, R. S., & Sanfelice, P. P. (2013a). Em tempos de culto a Marte por que estudar Vênus? Repensando o papel de Pompeia durante a II Guerra.

In: F. V. Cerqueira, A. T. Gonçalves, E. Medeiros, & J. L. Brandão (Orgs.), *Saberes e poderes no mundo antigo* (pp. 65-84). Imprensa da Universidade de Coimbra.

Garraffoni, R. S., & Sanfelice, P. P. (2013b). Arqueologia e poder: o caso de Pompeia. In *Anais I Semana de Arqueologia – Arqueologia e Poder* (pp. 1-10). IFCH.

Garraffoni, R. S., & Sanfelice, P. P. (2014). Homoerotismo nas paredes de Pompeia. In A. M. Esteves, K. T. Azevedo, & F. Frohwein (Orgs.), *Homoerotismo na Antiguidade Clássica* (pp. 219-248). Editora da UFRJ.

Garraffoni, R. S., & Sanfelice, P. P. (2017). Escavando Pompeia no início do século XX: Arqueologia, Nacionalismo e identidades em Conflito. In G. J. Silva, R. S. Garraffoni, P. P. A. Funari, J. Gralha, & R. Rufino (Orgs.), *Antiguidade como Presença: Antigos, Modernos e usos do passado* (pp. 269-296). Prismas.

Garraffoni, R. S. (2018). *Os Antigos Gregos: No acervo do Museu Paranaense: Recepção dos Clássicos, Poesia Simbolista e Política*. Museu Paranaense.

Garraffoni, R. S. (2020). Recepção greco-romana em Curitiba: Literatura, Patrimônio e novas abordagens do centro histórico. *Revista Memória em Rede*, 12(23), 222-244. <https://doi.org/10.15210/rmr.v12i23.19219>

Garraffoni, R. S. (2021). *Gladiadores na Roma Antiga: dos combates às paixões cotidianas* (2a ed.). Editora da UFPR.

Garraffoni, R. S. (2023a). Excavating the past and framing new identities in the nineteenth century: Vesuvius, Pompeii and modernity in Rio de Janeiro. In M. R. Recio (Org.), *Pompeii in the visual and performing arts: its reception in Spain and Latin America* (pp. 153-170). Bloomsbury.

Garraffoni, R. S. (2023b). Pompeya y el Vesubio en la prensa de Rio de Janeiro (1870-1889). In M. R. Recio, J. S. Álvarez, & L. Buitrago (Orgs.), *Pompeya y Herculano entre dos mundos. La recepción de un mito en España y América* (pp. 105-122). L'Erma di Brestschneider.

Garraffoni, R. S. (2023c). Pompeia, o Vesúvio e o Rio de Janeiro: os encontros entre passado antigo e o cotidiano carioca na segunda metade do século XIX. In: L. Buitrago, R. Del Molino García, & A. Parra López (Orgs.), *Ecos pompeyanos: recepción e influjo de Pompeya y Herculano en España y América Latina* (pp. 213-234). Universidad de Externado.

Hardman, F. F. (1998). Silva Jardim: a República e o vulcão. *Estudos avançados*, 12(34), 277-287. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141998000300025>

Laurence, R. (2005). Tourism and Romanità: a new vision of Pompeii (1924-1942). *Ancient History*, 35, 90-110.

Lima, D. C. (2018). “Uma viajante brasileira”. In N. Floresta (Org), *Três anos na Itália seguidos de uma viagem à Grécia* (pp. 11-17). Editora da IFRN (Trabalho original publicado em 1864).

Lúcio, S. V. M. (1999). *Uma Viajante Brasileira na Itália do Risorgimento. Tradução Comentada Do Livro Trois Ans En Italie Suivis D'un Voy Age En Grece (Voi I-1864; V Oi Ii- S.D) de Nísia Floresta Brasileira Augusta* [Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas]. Repositório Unicamp. <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/222172>

Lustosa, I. (2022). Jornais: uma ampla janela aberta sobre o século XIX. *Almanack*, (30), ero0222. <https://doi.org/10.1590/2236-463330ero0222>

Recio, M. R. (2010). *Pompeya. Vida, muerte y resurrección de la ciudad sepultada por el Vesubio*. La Esfera de los libros.

Rufino, R. N. (2013). *O bimilenário de Augusto na Espanha (1939-1940): construções discursivas do franquismo sobre a Antiguidade romana* [Dissertação de Mestrado Universidade Estadual de Campinas]. Repositório Unicamp <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/906045>

Santos, S. F. (2015). *Espaços femininos na Magna Grécia e Sicília: estudo comparativo da iconografia dos vasos da Coleção Teresa Cristina e de vasos itálio-*

*tas, siciliotas e áticos dos séculos V-IV a.C.* [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro].

Santos, S. F. (2018). A Coleção Teresa Cristina do Museu Nacional do Rio de Janeiro: as possibilidades de uma coleção. *Revista do Museu Arqueologia Etnologia*, 30, 148-160. <https://doi.org/10.11606/issn.2448-1750.revmae.2018.116341>

Schwarcz, L. (1998). *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. Companhia das Letras.

Silva, G. J. (2007). *História antiga e os usos do passado: um estudo de apropriação da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940-1944)*. Annablume/FAPESP.

Vidales García, M. (2023). Intercambios transoceánicos: del interés a la nostalgia Teresa Cristina de Borbón y su actividad cultural en Brasil. In L. Buitrago, R. Del Molino García, & A. Parra López (Orgs.), *Ecos pompeyanos: recepción e influjo de Pompeya y Herculano en España y América Latina* (pp. 95-115). Universidad de Externado.